

O Covil¹

Julia Loschi de SOUZA²
Arthur de GRECCI³
Carolina CASTANHEIRA⁴
Fernando Henrique de Sá ARAUJO⁵
Gisele FERRAZ⁶
Fernando BISCALCHIM⁷

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP

RESUMO

O COVIL é uma série para TV de unitários, onde cada episódio é livremente inspirado em músicas de compositores brasileiros. No pequeno bordel privado, que dá nome a série, há em cada quarto, por trás de cada porta, uma prostituta e seus mais diversos clientes. Inspirada em músicas do repertório de Chico Buarque, o primeiro episódio intitulado de “Tango do Covil” conta a história de Geni, Chico, Danilo e Roberto Patracão.

PALAVRAS-CHAVE: Unitário; Chico Buarque; O Covil.

INTRODUÇÃO

A televisão é considerada hoje um dos meios de comunicação de massa mais poderoso do mundo. O poder de se comunicar através do audiovisual diariamente, de conviver com as pessoas na intimidade de suas casas, o torna um veículo com uma força muito mais emocional do que racional. Segundo Muniz Sodré;

Como se diz popularmente, é um meio que “faz a cabeça” do receptor, de tal forma que ele nem percebe isso: ele obedece e cumpre “suas ordens” sem se dar conta. Além disso, é um veículo de comunicação que nada exige do receptor em termos de esforços

¹Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro de ficção (avulso ou seriado).

²Aluno líder do grupo e estudante formada no Curso Rádio, Tv e Internet, email: juloschi@hotmail.com

³Estudante formado no Curso Rádio, Tv e Internet, email: thur-grecci@hotmail.com

⁴Estudante formado no Curso Rádio, Tv e Internet, email: cbcarolina@hotmail.com

⁵Estudante formado no Curso Rádio, Tv e Internet, email: nando_hen@hotmail.com

⁶Estudante formado no Curso Rádio, Tv e Internet, email: giseleferraz78@hotmail.com

⁷Orientador do trabalho. Professor do Curso Rádio, Tv e Internet, email: diretor_joe@yahoo.com.br

e de conhecimentos: não é preciso saber ler e escrever, basta girar um botão (o que não requer prática nem habilidade) para se ter acesso à sua programação, que também não é da escolha do receptor, mas sim uma programação imposta a ele pelas emissoras. (1971)

O folhetim é uma narrativa seriada dentro dos gêneros de: prosa de ficção e romance. Possui duas características essenciais: o formato, que é publicado de forma parcial e sequenciado em periódicos (jornais e revistas); e o conteúdo, apresenta narrativa ágil, abundância de eventos e ganchos intencionalmente voltados para prender a atenção do leitor.

No Brasil, o produto mais popular da nossa teledramaturgia é a telenovela. Quando queremos falar sobre a teledramaturgia no país, não podemos deixar de lado sua grande influência. Mas fazemos também outras produções no campo da teledramaturgia que têm boa aceitação do telespectador e que também são produzidas com o intuito de experimentar mudanças nesse campo, que produz para agradar a massa.

Dentro da teledramaturgia, os gêneros minissérie e unitário estão sendo bem trabalhados no Brasil, buscando uma narrativa diferente, que possibilite colocar em prática essas experimentações. Um produto que visa atingir o grande público, mas que ao mesmo tempo, aos poucos, estão trazendo mais qualidade para as nossas produções.

OBJETIVO

Tendo como objetivo experimentar novos estilos narrativos no projeto de conclusão de curso, o grupo criou o roteiro do primeiro episódio de uma série para TV, com episódios unitários.

De acordo com Pallottini, o gênero **unitário** é uma obra fechada, em que sua história é apresentada, desenvolvida e finalizada no mesmo episódio. No caso de *Amor em Quatro Atos* (produção televisiva da emissora Rede Globo), por exemplo, cada história - episódio - tem a duração de aproximadamente 40 minutos (sem contar o intervalo comercial), sendo que este tempo tem que ser suficiente para que seja feita a apresentação dos personagens e da história: suas principais características, seus medos, angústias e desejos, ou seja, 40 minutos para criarmos empatia pelo personagem (ou aversão, no caso dos vilões) e compreender a trama.

No unitário, o tempo se comprime, como no teatro, e, às vezes, tempo ficcional e tempo real coincidem. Mas tudo acaba ali, tudo acaba bem ou mal, talvez provisório e insatisfatório, mas é assim que é. Não se pode guardar munição para depois; não há depois. (PALLOTTINI, 1998, p 42)

Pallottini ressalta que os unitários são utilizados como forma de experimentação da televisão lírica e poética, em que são permitidas as meias palavras e a sugestão. Segundo a autora, “*Um dos piores defeitos do unitário tem sido a obscuridade, o hermetismo. Misterioso, poético, ambíguo, mas não hermético. Poético, mas não necessária e gratuitamente complicado.*” (1998, p 43)

A autora diz ainda que para a construção e estruturação de um unitário é imprescindível o cuidado para que seja apresentada uma obra “*íntegra, eficiente, para que tenha unidade, clareza de propósito, a objetividade como intenção.*” (1998, p 43).

Embora os unitários recentemente produzidos pela televisão brasileira sejam chamados genericamente de série ou microssérie, segundo Pallottini, pelo formato apresentado nessas produções, podemos denominá-los como unitário. *As Cariocas*, obra baseada no livro homônimo de Sérgio Porto, é um exemplo recente. Foi veiculado pela rede Globo no ano de 2010 e ao longo de seus dez episódios conta histórias de mulheres cariocas, tendo como pano de fundo bairros da capital carioca, como Copacabana, Ipanema, Mangueira, Barra e Urca, para citar alguns.

Ainda de acordo com Pallottini, no unitário, a apresentação das personagens tem que ser feita de forma rápida. Em *As Brasileiras*, unitário veiculado pela Rede Globo desde fevereiro de 2012, é trabalhada da mesma forma, a identificação do telespectador com o capítulo e a história que será contada começa a partir do nome do episódio.

As personagens têm características muito bem definidas e a mais forte delas já toma a forma de título e recebe um reforço logo no início de sua exibição. Quando já iniciado o episódio, a apresentação da personagem é retomada por meio de um texto em *off* que é narrado enquanto são apresentadas imagens da cidade onde a história vai se desenrolar. O narrador é sempre o mesmo que aparece no início e no fim de todos os episódios, além do nome geral do unitário, o narrador é um ponto em comum que ajuda a caracterizar cada episódio como parte de *As Brasileiras*. Além da mesma voz na narração, uma palavra é

comum ao texto de todos os episódios e chama a atenção. Foi observado que o roteirista se apropria dos termos heroína ou deusa para descrever a protagonista em questão:

O herói simpático, tão diferente do herói trágico ou do herói lastimável, e que desabrocha em detrimento deles, é o herói ligado identificativamente ao espectador. Ele pode ser admirado, lastimado, mas deve ser sempre amado. É amado, porque é amável e amante. (MORIN, 2005, p 92)

JUSTIFICATIVA

Pensando nisso, e entendendo que o Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Metodista de Piracicaba, no curso de Rádio, Tv e Internet, necessita ter um produto audiovisual voltado para a televisão, o grupo, em cima de uma tendência das emissoras brasileiras e mundiais em realizar séries ficcionais, decidiu escrever o roteiro de uma série, em especial o primeiro episódio de “O Covil”, partindo da ideia de que a produção televisiva pode ousar em sua narrativa e estrutura e ainda assim ser um produto de audiência e aceito pelo grande público, nos inspiramos em *Amor em Quatro Atos* (produção que mistura os gêneros minissérie e unitário) veiculada pela Rede Globo no início de 2011, construindo nosso roteiro a partir de músicas do compositor e cantor brasileiro Chico Buarque.

Amor em Quatro Atos é uma produção televisiva diferenciada das demais ao utilizar uma forma de narrativa distinta da que estamos acostumados. Pelo fato de ter sua história baseada em canções de um compositor popular, o público se atenta à produção ao identificar um artista já familiar a ele.

A Rede Globo inova (embora de forma gradual), levando para a tela uma obra baseada em músicas populares como uma forma diferente de contar a história, embora não deixe de fazer uso intenso dos temas universais, como o amor, felicidade, o papel da mulher e o *happy end* (categorias extraídas da obra de Edgar Morin como nosso embasamento teórico), por exemplo. É um toque de inovação, mas que mantém aspectos tradicionais a fim de agradar o grande público para que o mesmo possa apreciar (e consumir) a produção.

O resultado do roteiro de *O Covil* não é a tradução literal de cada estrofe das canções, assim como na série citada acima, mas a musicalidade como pano de fundo para a construção da narrativa e personagens, a densidade da letra, da melodia.

A tradução desse universo é feita a partir das letras de canções do compositor, sendo elas: “Geni e o Zepelim” e “Tango no covil”, utilizadas para a construção do episódio e da personagem principal Geni. Personagens coadjuvantes também foram livremente inspirados em músicas, contruídos através das letras e canções escolhidas, como, o malandro Danilo em “Suburbano Coração”, o poeta Chico em “Atrás da Porta” e “Eu te Amo” e o delegado Roberto Patrção em “Cotidiano” e “Mulheres de Atenas”.

Diferentes fatores favorecem a identificação; o ótimo da identificação se estabelece num certo equilíbrio de realismo e de idealização; é preciso haver condições de verossimilhança e de veracidade que lhe assegurem a comunicação com a realidade vivida, que as personagens participem por algum lado da humanidade quotidiana, mas é preciso também eu o imaginário se eleve alguns degraus acima da vida quotidiana, que as personagens vivam com mais intensidade, mais amor, mais riqueza afetiva do que o comum dos mortais. É preciso, também, que as situações imaginárias correspondam a interesses profundos, que os problemas tratados digam respeito intimamente a necessidades e aspirações dos leitores ou espectadores; é preciso, enfim, que os heróis sejam dotados de qualidades eminentemente simpáticas. (MORIN, 2005, p 82)

Alguns dos temas abordados em *O Covil*, como amor, traição, felicidade, de acordo com Morin, são chamados de universais, porque eles não dependem de traduções ou legendas, são de rápido e fácil entendimento para todos nós, independentemente da cultura na qual estamos inseridos. De acordo com o autor, “Essa universalização transforma o amor no grande arquétipo dominante da cultura de massa” (2005, p 131)

A exposição de temas que são universalizantes e que por consequência podem atingir um grande número de pessoas e causar identificação, aliados a um aspecto que podemos denominar de regional (referente às músicas de Chico Buarque), fazem com que esse produto tenha maior chance de atingir uma grande parcela da população, mesmo aquelas pessoas que nunca ouviram Chico Buarque, porque para elas, o que mais interessa não é saber se obra foi criada a partir de uma música, mas sim como a trama vai se desenrolar, além de proporcionar que mais pessoas tenham acesso a esse estilo musical.

***METODOS E TECNICAS UTILIZADOS**

Para a elaboração do roteiro, o grupo fez reuniões praticamente diárias durante um mês.

O ponto de partida, foi a ideia de fazer uma série para televisão, onde está teria o formato de unitário, com os episódios individuais, com início meio e fim, sem precisar de episódios anteriores para explicação da história.

Resolvemos, através da monografia base, sobre novas histórias de se contar a teledramaturgia, em especial se tratando das minisséries e os unitários, escrever algo em cima de canções de Chico Buarque.

Realizamos um grande trabalho de pesquisa em cima de suas músicas para servir de inspiração para a criação dos personagens, seus diálogos e o desfecho da história.

Utilizamos as técnicas aprendidas em sala de aula sobre a elaboração de um roteiro, e fomos criando em cima toda a história, pensando cuidadosamente nas características e falas dos personagens para o maior entendimento da história, assim como a iluminação e cenário, que já no roteiro já foram sendo imaginado, como os cortes entre um personagem e outro.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Criamos uma série de televisão onde, cada episódio conta a história de um quarto do bordel intitulado “O Covil”. Essas histórias serão inspiradas em músicas de diferentes compositores brasileiros, sendo um para cada quarto e episódio.

O roteiro do primeiro episódio da série foi inspirado em músicas do Chico Buarque. Nessa produção decidimos construir uma história ambientada entre as décadas de 40 e 60, na qual cada personagem nasceu em referência a uma ou mais músicas do compositor. No primeiro episódio contamos a história de quatro personagens.

O nome do bordel “O Covil” é também em referência a uma música de Chico Buarque, *Tango do Covil*, que por sinal, o título da música nos inspirou também para a construção, o modo como foi conduzida a narrativa deste episódio.

A personagem principal Geni, que é uma das garotas que trabalha no bordel. Na estreia vamos contar de forma intercalada, em uma narrativa não linear, sua relação com

três de seus clientes, sendo eles Patracão, o delegado da cidade, Chico, o poeta e Danilo, o malandro.

Escolhemos uma história que se passa em décadas passadas, pelo glamour e por acentuar e tornar mais forte algumas das dramaticidades da narrativa. Pra isso tivemos que realizar um trabalho de pesquisa para buscar figurino, acessórios, móveis, enfim, tudo o que pudesse compor os personagens e o ambiente.

Outro curiosidade é que Dona Babete, dona do bordel, será a única personagem presente em todos os episódios, mas a proposta é de não revelar seu rosto, apenas partes de seu corpo como suas mãos, pernas, ou o som dos seus passos.

Para isso tivemos como prioridade desenvolver, desde a concepção até o projeto finalizado, uma linguagem estética e narrativa bem elaborada, para que seja uma história que prenda a atenção do público do início ao fim.

A elaboração do roteiro, começou primeiro com o trabalho de pesquisas sobre as músicas de Chico Buarque. Fomos entender as letras e buscar inspiração para a criação dos personagens e seus diálogos. Fizemos o fichamento de todos os personagens que iriam aparecer no primeiro episódio, com nome, características, manias e figurino.

Decidimos que as histórias seriam intercaladas, revelando aos poucos para o público quem é quem, qual a história de cada um, e se elas se intercalam, já que apenas Geni tem relação direta com os três clientes que a procuram, Patracão, Danilo e Chico.

Criamos uma atmosfera diferenciada, por não puxando o fator da prostituição para o erotismo ou vulgar, priorizando o sensual, que unido aos diálogos, faz com que o público conheça melhor os personagens e o que eles procuram no bordel, além do sexo.

Para a transição entre um personagem e outro, escolhemos pontos em comum entre a cena anterior e a sua sucessiva, como por exemplo o copo de uísque que passa da mão de um cliente para o outro, o que faz com que o público se surpreenda por não perceber o corte entre uma cena e outra. Cuidado que exigiu do grupo, um carinho maior durante a elaboração do roteiro, onde cuidadosamente planejamos os cortes e enquadramentos na construção do roteiro.

A finalização do roteiro foi cuidadosamente pensada, pois chegamos a conclusão que seria melhor terminar a história de maneira não direta, mas poética, subentendida nos rumos que a história tomaria se houvesse uma continuação, deixando um ar de mistério, mas ao mesmo tempo finalizando a história dos quatro personagens.

No fim, depois que as histórias se encerraram, vemos a porta do próximo quarto, dando continuidade a série.

CONSIDERAÇÕES

A intenção do grupo foi se firmar numa boa construção narrativa, tendo as tramas e personagens baseados em obras musicais de compositores brasileiros. Acreditamos que esses aspectos agregados ao trabalho de toda a equipe no processo de produção do roteiro, ajudaram a contar uma história que acreditamos ser agradável aos olhos e ouvidos da grande maioria.

Para isso tivemos como prioridade desenvolver, desde a concepção até o projeto finalizado, produtos que pudessem apresentar uma linguagem estética e narrativa bem elaboradas, para que seja uma história prendam a atenção do público, mas que acima de tudo o entretenha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M.. *A Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação da Massa*. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MACHADO, Arlindo. *A Televisão Levada a sério*. São Paulo: SENAC, 2000.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX. Volume 1: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de Televisão*. São Paulo: Moderna, 1998.

SADEK, José Roberto. *Telenovela: Um olhar de cinema*. São Paulo: Summus, 2008.

